

LIXO E CIDADANIA: OS IMPACTOS DA POLÍTICA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE BELO HORIZONTE NO MUNDO DO TRABALHO DO CATADOR DA ASMARE¹

Sonia Maria Dias

Palavras chave: gestão pública, cidadania, catadores, resíduos sólidos

1- INTRODUÇÃO

A recuperação de materiais a partir do lixo é uma atividade milenar. Desde os tempos antigos os destituídos sociais vêm sobrevivendo graças a recuperação das sobras da sociedade, sendo, contudo, retratados como marginais e vagabundos. Ou seja, aos indivíduos que trabalham com o lixo sempre foi imputada uma imagem social extremamente negativa.

Em Belo Horizonte, há registros históricos de catação de lixo que se remontam ao final da década de 30. Até 1975, com a criação do aterro sanitário² da cidade, a deposição do lixo coletado era feita a “céu aberto” na chamada “Boca do Lixo”, no bairro Morro das Pedras, onde mais de 300 pessoas disputavam o que podia ser aproveitado entre os caminhões coletores. Portanto, com a criação do aterro municipal a catação de recicláveis na cidade passou a ter no espaço da rua o seu locus privilegiado, já que o acesso ao referido aterro passou a ser controlado, misturando-se o segmento que realizava esse trabalho – os chamados catadores de papel – ao morador de rua “clássico” (representados pela figura do andarilho e do mendigo).

Este artigo examina os impactos do Projeto de Coleta Seletiva em parceria com a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável – ASMARE, implementado pela Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte sobre o mundo do trabalho dos catadores de papel associados.

¹ Texto apresentado XIII Encontro Nacional da ABEP- Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 4-8 de novembro de 2002.

² O aterramento sanitário é uma técnica de disposição final de resíduos sólidos (lixo) urbanos no solo, com recobrimento diário de material inerte e a aplicação de uma série de procedimentos de engenharia sanitária que visam a minimização do seu impacto ambiental.

2- CARACTERIZAÇÃO DOS CATADORES NO PERÍODO ANTERIOR A 1993

Torna-se necessário diferenciar o catador regular de material reciclável do morador de rua. Em oposição aos indivíduos da população de rua que eventualmente catam algum reciclável, o catador regular tem nos recicláveis retirados da massa do lixo a sua principal fonte de sobrevivência. Os mesmos podem tanto trabalhar nos vazadouros a céu aberto, os chamados lixões, quanto nas ruas, retirando os recicláveis diretamente dos sacos plásticos dispostos para a coleta convencional de lixo ou recebendo-os diretamente de estabelecimentos comerciais e escritórios. No caso de Belo Horizonte, como já vimos, desde 1975 este segmento passou a atuar somente nas ruas da cidade. Os catadores se destacavam, dentre os personagens que compunham a população de rua de Belo Horizonte, por terem a catação de recicláveis como uma atividade regular, com uma territorialização e uma rotina de trabalho bastante definidas.

Outra característica desse grupo é que a maior parte desses catadores (83%)³ possuíam moradia, dormindo em casa somente nos fins de semana, já que tinham que zelar pelo material reciclável recolhido durante a semana de trabalho por falta de um local para armazenamento. Os catadores dormiam amontoados em meio ao lixo recolhido, mimetizando-se à matéria-prima que lhes garantia a sobrevivência.

O cotidiano de vida e de trabalho do catador era impregnado de exploração, estigmatização e perseguição. A pesquisa⁴ feita pela então Secretaria Municipal de Ação Comunitária, em 1989, permite traçar um perfil desse grupo à época. A maioria trabalhava sozinha (62%) ou com a ajuda de familiares (28%) e apenas um pequeno percentual (10%) em grupos, com uma jornada de trabalho diária de cerca de 12 horas. O material recolhido era vendido a depósitos particulares, que por sua vez o vendia aos grandes aparistas e estes às indústrias de reciclagem.

³ Fonte: “Pesquisa e relatório feita pela equipe de assistentes sociais”, Secretaria Municipal de Ação Comunitária”, 1989 (CEMP/SLU). Essa pesquisa é fruto de uma das principais reivindicações da Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, que já nessa época estava iniciando seu trabalho sócio-pedagógico com a população de rua de BH.

⁴ “Pesquisa e relatório feita pela equipe de assistentes sociais”, Secretaria Municipal de Ação Comunitária”, 1989 (CEMP/SLU).

A exploração dos donos de depósito sobre o trabalho era reconhecida tanto pelo catador quanto pelo próprio poder público. Um ofício da Superintendência de Limpeza Urbana - SLU⁵, assim se refere ao catador de papel: *...mendigo, via de regra que nada mais é que um preposto, explorado e desamparado, dos donos de depósito de papéis velhos, que se enriquecem à sua custa, à margem da lei...* Outro ofício (datado de 03/04/84), relata os dados colhidos em visitas realizadas aos depósitos, constatando o caráter irregular de funcionamento dos mesmos (*...poucos são registrados e apresentam denominação relacionada com a compra ou venda de papéis usados...*), as condições precárias de funcionamento no tocante à segurança, a inexistência de *...área para os catadores fazerem triagem dos papéis recolhidos...* e a relutância em exercerem *...a menor influência sobre os catadores*. Ou seja, não havia nenhuma regulamentação da atividade no tocante à relação de trabalho com os catadores. Poucos catadores tinham carrinho próprio, atando-os aos depósitos que lhes emprestavam os carrinhos mediante o compromisso de compra e venda do papel com o respectivo atravessador (os donos do depósito chegavam mesmo a “segurar” os documentos de identidade do catador como medida coercitiva). Dona Maria Brás, catadora da ASMARE assim resume a relação com os atravessadores:

Dono de depósito só quer mesmo sugar o catador. A gente trabalhava o ano inteiro para eles e no final do ano a única coisa que levava pra casa era um garrafão de vinho ruim ou uma garrafa de cachaça pra encher a cara....⁶

Assim as dificuldades enfrentadas eram muitas: *a barra é pesada de noite; a gente passa o resto da noite debaixo do viaduto; dorme em cima do papelão; a gente faz a cama com papelão de geladeira; esquentam um fogo e muita gente toma uma pinga⁷ pra enfrentar a dificuldade...*⁸ As maiores dificuldades enfrentadas são assim caracterizadas na referida pesquisa:

Os catadores afirmam que a incidência de alcoolismo é forte entre eles, bem como conflitos decorrentes de competição por companheiros. Outro

⁵ Ofício GAB 3679/558/79, arquivo CEMP/SLU.

⁶ Depoimento In: Oliveira (1998).

⁷ A pinga além de ajudar a anestesiar a dureza do cotidiano de vida cumpre também um papel socializador conforme registram diversos pesquisadores sobre a população de rua, como Escorel (1999), Snow (1998), pesquisa da Sebes/SP (1992).

⁸ Depoimento de catador não identificado, In: “Pesquisa e relatório feita pela equipe de assistentes sociais”, Secretaria Municipal de Ação Comunitária”, 1989 (CEMP/SMLU).

*fator de problemas, é o fato de serem **agredidos por fiscais da PBH, 53% apontaram esta dificuldade** (grifo meu), enquanto que 23% citaram a polícia que os desconhecem como trabalhadores, pedindo explicações sobre a origem, identidade (p.5).*

O trabalho dos catadores era extremamente dificultado pela ação dos fiscais da prefeitura nas chamadas “operações limpeza”, que se tratavam de ações de retirada dos catadores, geralmente à força, das ruas onde os mesmos realizavam a triagem de recicláveis no intuito de transferir os catadores para as bordas, para a periferia da cidade. As “operações limpeza”, se assemelham àquilo que Rago (1987) chamou de “desodorização do espaço urbano” ao se referir às estratégias sanitárias disciplinadoras da habitação dos pobres no Brasil dos anos de 1890-1930 com a necessidade de *...evacuação do lixo e dos pobres para longe dos espaços refinados da cidade* (p.165).

As iniciativas institucionais de disciplinamento da atividade de catação, tratavam de maneira indiscriminada aqueles que eram chamados, à época, de “catadores motorizados” (mas que se tratavam, na verdade, de funcionários dos depósitos de recicláveis) e o “pequeno catador”, identificando em ambos a ameaça do monopólio da instituição em relação ao lixo, qualificando ambas ações como *..predatória porque suja o ambiente de sua **ação criminosa*** (grifo meu)⁹. É claro aqui como o poder público via a atividade de catação e o papel desempenhado no reforço à imagem do catador como marginal. A natureza isolada e fragmentada do trabalho do catador e a ausência de uma entidade representativa que se contraposse à forma violenta como este segmento era tratado, fazia do mesmo um alvo extremamente vulnerável às ações saneadoras da prefeitura.

2- A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

A constituição dos catadores em sujeitos sociais, em sujeitos de direitos se dá a partir do momento em que os mesmos conseguem se organizar, conseguem se aglutinar em torno da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável – a ASMARE. Esse processo se inicia a partir de 1987, através do trabalho sócio-pedagógico desenvolvido pela Pastoral de Rua da Arquidiocese de Belo Horizonte, que

num processo de escuta ativa se constitui no primeiro grupo a reconhecer a dimensão marginal a que o trabalho do catador estava relegado e a vislumbrar o potencial de geração de trabalho e renda presente nesta atividade. As práticas educativas e os encontros celebratórios onde noções básicas de direitos, de ecologia e do valor do trabalho eram discutidos criaram as bases para a futura constituição da ASMARE em primeiro de maio de 1990. O surgimento da ASMARE, em 1990, assumindo um papel reivindicatório junto à municipalidade trouxe à cena novos sujeitos sociais que forçaram a administração pública, de então, a romper com a postura histórica em relação aos catadores como sujeito incapaz de intervir nas ações que lhe diz respeito.

Mas será a partir de 1993 que o poder público mudará de forma significativa a sua relação com esse segmento, incorporando-o como parceiro prioritário no Projeto de Coleta Seletiva¹⁰, implementado a partir do Programa de Manejo Diferenciado de Resíduos Sólidos da SLU. O contexto sócio-político que propiciou essa mudança no trato com a questão do catador em Belo Horizonte, se insere, no âmbito nacional, dentro do processo de democratização da gestão pública e, no âmbito mundial, dentro da discussão sobre sustentabilidade ambiental.

Com essa parceria, o poder público sai, assim, do papel de reforçador da imagem do catador como marginal e vadio para assumir um papel de fortalecedor deste trabalhador enquanto um profissional da coleta seletiva, através do apoio à sua entidade representativa- a ASMARE, no âmbito do Projeto de Coleta Seletiva. Essa parceria com o poder público foi formalizada através de um convênio entre a Prefeitura, a ASMARE e a Arquidiocese de Belo Horizonte cabendo à administração municipal o provimento de toda uma estrutura logística e operacional de suporte ao trabalho dos catadores que inclui galpões de triagem¹¹, implantação de contêineres (denominados LEVs –Local de Entrega Voluntária) para recebimento de materiais recicláveis previamente separados pela população (cuja doação é feita para a ASMARE), caminhões para a coleta dos

⁹ Documento DI 002/DCP, arquivo CEMP/SLU.

¹⁰ Uma discussão detalhada da gênese e das características desse projeto, bem como dos seus limites e avanços pode ser vista In: DIAS, S. M. *Construindo a cidadania: avanços e limites do Projeto de Coleta Seletiva em Parceria com a ASMARE*. Belo Horizonte: Departamento de Geografia da UFMG, 2002. (Dissertação de mestrado).

¹¹ Até 2001 existiam três galpões de triagem em funcionamento, sendo dois deles- o da Rua Curitiba e da Rua Itambé – alugados pela SLU e o da Av. do Contorno, que é resultante de uma ocupação feita pela ASMARE numa área pública ociosa. Os dois galpões alugados foram recentemente desativados, tendo a

recicláveis, bem como uma assessoria no processo de capacitação dos catadores associados. Além disso, a Prefeitura repassa mensalmente à ASMARE recursos financeiros para cobrir as despesas administrativas da entidade. Paralelamente, a SLU passou a investir numa estratégia de sensibilização e mobilização da população buscando reverter a imagem preconceituosa em relação ao catador e estimular a prática da coleta seletiva com doação dos recicláveis para a ASMARE.

O suporte logístico e operacional do poder público permitiu a incorporação de um maior número de associados à ASMARE, que encontraram nos galpões de triagem uma alternativa para a realização da triagem de recicláveis que antes era realizada nas ruas da cidade. A implantação dos galpões de triagem pela SLU, permitiu acelerar o processo (que já vinha se dando a partir da constituição da ASMARE) da passagem do catador, de morador de rua para o de “trabalhador na rua”. Isso alterou a natureza do trabalho desenvolvido pelos catadores e das relações sociais estabelecidas tanto entre os catadores, quanto dos mesmos com a cidade, o que veremos na próxima parte.

3- O MUNDO DO TRABALHO DO CATADOR DA ASMARE: SOCIABILIDADES E TERRITÓRIOS

Para entendermos como os associados fazem uso e se apropriam dos seus espaços de trabalho- os galpões de triagem-, é necessário primeiramente traçarmos uma breve tipologia do associado da ASMARE e o seu perfil sócio-econômico.¹² O associado da ASMARE pode ser tipificado em quatro sub-grupos:

- 1- CATADOR: constitui o grupo ao qual a identidade da ASMARE está associada no imaginário da população. Realiza a coleta de material reciclável nas ruas com carrinhos de tração humana (que chegam a pesar até 800 kg com a carga completa), se subdividindo em dois sub-grupos: (1) os que têm pontos fixos de coleta e, conseqüentemente, itinerários fixos e (2) os que não tendo ponto fixo, possuem um itinerário mais flexível. Possui boxes individuais nos galpões, podendo alguns,

prefeitura alugado um outro galpão maior onde hoje se concentra somente a triagem dos recicláveis advindos da coleta mecanizada nos LEVs e de grandes doações.

¹² Fonte: dados da ASMARE.

conforme a produção, ter ajudantes para a realização da triagem¹³. Recebem de acordo com a produção individual. Representam 71% do corpo de associados.

- 2- TRIADOR: o surgimento desse grupo está associado à implantação dos LEVs na cidade. Trabalham em boxes individuais específicos para a triagem dos LEVs, se especializando, cada um, na triagem fina de um tipo particular de reciclável. São diaristas que recebem de acordo com uma tabela de produtividade. Representam cerca de 17 % do corpo de associados. Vários ex-moradores de rua ou em processo de saída da rua já foram incorporados à esse grupo.
- 3- OPERACIONAL: Apesar de não representarem um contingente expressivo dentro da ASMARE, alguns dos associados trabalham como prensistas, balanceiros ou coletores complementando o trabalho executado pelos funcionários contratados pela ASMARE para essas funções. Recebem diária de acordo com uma tabela de produtividade e participam da divisão das “sobras”¹⁴ no final do ano como o restante do corpo de associados.
- 4- ASSOCIADO DAS OFICINAS: São associados, muitos deles moradores ou ex-moradores de ruas, incorporados aos projetos de extensão da ASMARE: as oficinas de papel artesanal/bloquinhos/encadernação, o espaço cultural Reciclo, a marcenaria, a oficina de alimentação/restaurante e o ateliê de costura. Recebem de acordo com a tabela de diárias da ASMARE. Representam cerca de 12% dos associados (fonte: ASMARE, maio 2001).

Em 1998, o Unicentro Newton Paiva realizou uma pesquisa que possibilitou traçar um perfil sócio-econômico¹⁵ dos associados da ASMARE. Reproduzimos abaixo alguns dos dados dessa pesquisa:

- Sexo: 55% do universo de associados são mulheres e 45%, homens;
- Idade: 37%, têm entre 26 e 35 anos; 19%, 18 e 25 anos; 16%, 43 e 50 anos; 14%, acima de 50 anos; 8%, 36 e 42 anos e 6%, 12 e 18 anos;

¹³ Há uma preocupação em relação aos ajudantes, quanto ao risco de estabelecimento de uma relação de exploração deste pelo associado. Por isso existem algumas normas que regulam a presença dos mesmos nos galpões.

¹⁴ Trata-se da divisão realizada, ao final do ano, para o conjunto dos associados do “lucro” obtido pela associação com a comercialização dos recicláveis.

¹⁵ Pesquisa quantitativa com questionário como instrumento de coleta de dados, aplicado sob a forma de amostra aleatória em 64 catadores, correspondendo a um universo de 30,5% do universo de 210 associados de 1998.

- Escolaridade: 24% têm primário incompleto; 23% são analfabetos; 17% são alfabetizados; 15% têm da 5ª a 8ª completo; 12% o primário completo e 8% estão sendo alfabetizados na ASMARE;
- Naturalidade: 51% são imigrantes e 49% vêm de Belo Horizonte;
- Bens de consumo: 27% possuem TV; 23% possuem rádio; 17% geladeira; 15% som; 13% máquina de lavar; 3% vídeo cassete; 1% parabólica e telefone;
- Renda: 54% recebem até 2 salários mínimos; 40% de 2 a 4 mínimos e 6% acima de 5 salários mínimos;
- Tempo de associado: 41% são associados há mais de 5 anos; 31% entre 2 e 4 anos e 28% há 1 ano;
- Tem algum parente associado: 76% sim e 24%, não;
- Nº de filhos: 29% têm de 4 a 6 filhos; 28% de 1 a 3; 25% acima de 6 e 18% nenhum;
- Participação nos cursos da ASMARE: 80% já haviam participado e 20% ainda não;
- Atividade de lazer preferida: 28% preferem TV; 27% fazer visitas; 21% dançar; 15% jogos e 9% preferem os parques;
- Estado civil: 47% são outros; 35% são solteiros; 15% são viúvos e 3% casados;
- O que mais gosta na ASMARE: 29% os relacionamentos; 25% resgate da cidadania; 17% o crescimento profissional; 17% segurança; 6% tanto para os ganhos, quanto para as festas;
- Porque se associou: 49% pela segurança; 32% por influências; 10% por outros motivos e 9% pelos ganhos;
- Opinião sobre as normas da ASMARE: 53% as acham necessárias; 40% as consideram boas e 7% as acham exageradas.

Observa-se, no universo do corpo de associados da ASMARE a preponderância da estrutura familiar: como visto 76% dos associados possuem algum parente associado. Quando se compara os dados de gênero encontrados numa pesquisa realizada em 1993¹⁶ com os de 1998, observa-se um significativo aumento na presença feminina que pula de 18% para 52%. Talvez a existência dos galpões tenha permitido uma maior compatibilidade das funções de trabalhadora com as tradicionais tarefas de tomar conta

¹⁶ Pesquisa “Catadores de Material reciclável”, realizada pelo INAPP – Instituto Nacional de Políticas Públicas, arquivo CEMP/SLU.

dos filhos. É interessante observar, que no item relativo ao que os associados mais gostam em relação à ASMARE, destacam-se os relacionamentos e o resgate da cidadania, denotando tanto um certo conjunto de valores ligados à solidariedade, à partilha e à cultura comunitarista entre os associados, quanto uma familiaridade com a linguagem da cidadania. O aspecto de retorno financeiro (ganhos), é sobrepujado pela segurança tanto no que se refere ao que os associados mais gostam na ASMARE, quanto no que diz respeito à sua motivação em se associar. Observa-se uma melhoria nos ganhos percebidos pelo associado, quando se compara com os dados sócio-econômicos da pesquisa de 1993: somente 9% dos catadores recebiam até 2 salários mínimo àquela época, contra 54% atuais.

Mas como é que os associados percebem o seu trabalho? Existe uma consciência bastante generalizada entre os catadores, de que o trabalho por eles realizado é importante para a cidade: *se fosse levar em conta esse trabalho nosso, deveria ser bem melhor remunerado. A gente contribui com o meio ambiente. Onde a gente passa, a rua fica limpa*¹⁷. A fala de Dona Geralda testemunha essa consciência:

*Como nós é importante, eu descobri isso depois da ASMARE também. Depois dessas palestras, depois da parceria com a SLU, porque até a gente não sabia que a gente catava era material reciclável. A gente tratava de lixo, porque nunca ninguém passou prá nós que era material.*¹⁸

Essa percepção da importância desse trabalho para a limpeza da cidade é compartilhada, hoje, pelos próprios garis da SLU: *Se eles pararem de catar o papel, a SLU vai ter que ter outra estrutura, ou ainda ...eles têm uma parcela muito importante. Se não fosse eles, a SLU teria que trabalhar muito mais*¹⁹.

¹⁷Extraído do documento “Diagnóstico Participativo da ASMARE”. Este diagnóstico foi realizado em 1998, no galpão da Contorno, sob a coordenação do Centro da Mulher /Movimento do Graal no Brasil e a Coordenadoria de Direitos Humanos e Cidadania – CDHC/PBH, com pesquisadores das já referidas entidades, da Pastoral de Rua e da SLU. O diagnóstico participativo constituiu-se na aplicação de um conjunto de técnicas com o objetivo de levantar informações que pudessem propiciar um melhor conhecimento da realidade do grupo sob o ponto de vista dos associados. As citações retiradas desse documento, serão doravante referenciadas somente como Diagnóstico Participativo da ASMARE

¹⁸ Entrevista, 14/08/01.

¹⁹ Questionários aplicados com garis da SLU, em 18/07/01.

O testemunho do catador Luiz Henrique expressa o significado, atribuído por muitos, do papel que o trabalho na ASMARE representa tanto em termos da subsistência, quanto em termos do sentido da vida, vida que na rua, em geral, é breve :

*...quando eu vim para a ASMARE, era um cara extremamente difícil, tinha uma vida atribulada na rua, eu já tinha perdido tudo, até a dignidade. (...) A gente tinha que agir daquele jeito mesmo, como lixo (...) E se não fosse a ASMARE, não sei o que seria de mim. Acho que estaria, hoje, numa vida totalmente diferente, nem sei se estaria vivo, porque as pessoas daquela época que não mudaram de vida, ou estão mortas ou estão no mundo das drogas e presas. (...) Ela foi o meu retorno na vida.*²⁰

3.1- A Rotina de Trabalho dos Associados

Vejamos como é a rotina de trabalho na ASMARE. A disseminação dos galpões de triagem trouxe um disciplinamento das atividades, com horários de abertura e fechamento do espaço de trabalho, normas de convivência mútua e de manutenção da limpeza e da ordem. Os galpões trouxeram inúmeros benefícios tanto para o catador, quanto para a limpeza urbana, mas também potencializou conflitos. Vejamos um pouco da dinâmica de funcionamento dos galpões, as diferenças existentes de um galpão para o outro e o seu significado para os associados.

Os galpões de triagem funcionam de segunda a sexta-feira de 08:00 às 24:00 horas²¹. As normas de funcionamento com a especificação dos deveres e proibições dos catadores, deveres do vigilante e diretrizes gerais foram elaboradas a partir de discussões com os catadores e as assessorias da ASMARE em assembléias. Novos associados têm a oportunidade de discuti-las durante a realização dos cursos de capacitação que os preparam para o ingresso à ASMARE.

Os horários de trabalho variam conforme a natureza do trabalho desenvolvido pelo associado. Os catadores que fazem a coleta com tração humana tem um horário mais

²⁰ Entrevista, 21/08/01.

²¹ Até 1988 os galpões abriam também aos sábados até as 13 horas. Mas por sugestão da própria ASMARE esse horário foi modificado com o objetivo de reduzir custos de manutenção.

flexível, mas em geral começam seu dia de trabalho entre 9 e 10 horas, retornando à casa por volta das 22:30-23:00 horas, trabalhando em média 10 a 12 horas por dia. Os triadores têm um horário de trabalho mais definido: 9:00 às 18:00 horas. Já os operadores de prensa trabalham de 7:00 às 16:00 horas. O horário de funcionamento das oficinas é de 9:00 às 17:00 horas.

O **catador** que sai para a coleta nas ruas tem uma rotina, que poderia ser assim simplificada: chega ao galpão entre 9:00 e 10:00 horas, descarrega o carrinho da coleta feita no dia anterior e começa o trabalho de triagem fina do material, saindo para a “apanha” (a coleta) do dia entre 16:00 e 17:00 horas, retornando, a maioria, ao galpão novamente entre 21:00 e 22:00 horas. Toma um banho e vai para casa. No período que antecede sua saída para “apanha” ele/ela além de triar seu material individual, tem que participar dos mutirões de limpeza semanais ou cumprir a escala de limpeza dos banheiros ou de qualquer outro espaço de uso coletivo. É também nesse período que antecede a “apanha” que são realizadas as reuniões coletivas. A natureza do trabalho desenvolvido pelo catador de tração humana é de uma certa forma menos rígida: ele pode, por exemplo, não trabalhar pela manhã (ou mesmo começar bem mais tarde que o usual) na triagem fina do material recolhido no dia anterior e recuperar o “atraso” no dia seguinte. Para fazer jus ao recebimento dos vales-transporte o catador de tração humana tem que ter uma produção mínima de recicláveis de 2.200 kg/mês.

O mapa à página 15 é um dos produtos de um mapeamento de roteiros realizado com os catadores, em 1999, pelas equipes da SLU e da Pastoral. A territorialização do catador é fruto de um processo histórico de obtenção de “pontos” de recicláveis na cidade. O território de cada catador é formado por uma série de “pontos” de coleta – lojas, bancos, instituições públicas e shopping centres- que através de acordos feitos com os porteiros, vigilantes, faxineiros ou até mesmo com gerentes dos setores de serviços gerais lhes entregam os materiais (alguns já praticamente limpos, outros ainda misturados ao lixo). A existência desses pontos é que determina o trajeto, o roteiro de coleta de cada catador, mesmo para aqueles que têm poucos “pontos” fixos. Ter “pontos” é crucial para a sobrevivência do catador: ele é “dono” daquele espaço, é o “seu território” e o mesmo será defendido com “unhas e garras”: *...cada catador tinha seu ponto. Eu mesmo catei papel na Praça Sete, 33 anos e tinha que respeitar o ponto dos outros. Se eu não respeitasse dava briga sim. (...) Só tinha confusão quando*

*chegava catador novato. Depois a gente entrava num acordo*²². A posse desses espaços é, assim, delimitada por relações de poder e de força²³. Essa observância da territorialidade é confirmada pelo trabalho de vários pesquisadores sobre menores de rua, catadores e população de rua, em geral (Escorel, 2000; Bursztyn, 2000; Frugoli, 1995). A localização física dos galpões se constitui também, hoje, para o associado num fator determinante do roteiro de coleta, já que há um limite na capacidade física do catador em percorrer tão longas distâncias, principalmente numa cidade com um relevo tão acidentado como o de Belo Horizonte. No entanto, a existência do “ponto” ainda é o fator preponderante. Constatamos nesse mapeamento, que há catadores que percorrem distâncias extremas para recolher o material de um “ponto” muito bom.

Este mapa dos roteiros de coleta, obviamente, não dá conta, plenamente, da fluidez do cotidiano de trabalho dos catadores, já que percursos são às vezes alterados de acordo com a diminuição ou aumento da quantidade de material disponibilizado, por causa de uma alteração no trânsito ou mesmo por limitações individuais do catador. Mas com certeza este mapa é uma “fotografia” que nos permite visualizar, mesmo que com limites, o território por eles ocupado. No processo de mapeamento desses roteiros nos galpões, muitos catadores manifestaram uma certa resistência em revelar seu roteiro de coleta. Alguns por medo de que seu “ponto” viesse a ser de domínio público e pudesse ser apropriado por outro catador. Outros resistiram à idéia de que o seu trabalho viesse a ser destrinchado, fragmentado em partes, apropriado pela equipe técnica. Uma resistência ao controle e à racionalização do seu trabalho, que só não se transformou em antagonismo devido ao alto grau de confiança existente entre catadores e a equipe técnica e devido ao fato de que membros da diretoria da ASMARE acompanharam o trabalho.

Uma das ações de mobilização para a coleta seletiva, realizada pela equipe da SLU, é a identificação de novos “pontos” de coleta para o catador, através dos “treinamentos” oferecidos à condomínios e empresas. É curioso observar que apesar das reclamações relativas à perda de “pontos”, há uma dificuldade por parte de vários catadores em assegurar uma regularidade na coleta dos recicláveis das empresas e condomínios

²² Dona Geralda (entrevista de 14/08/01).

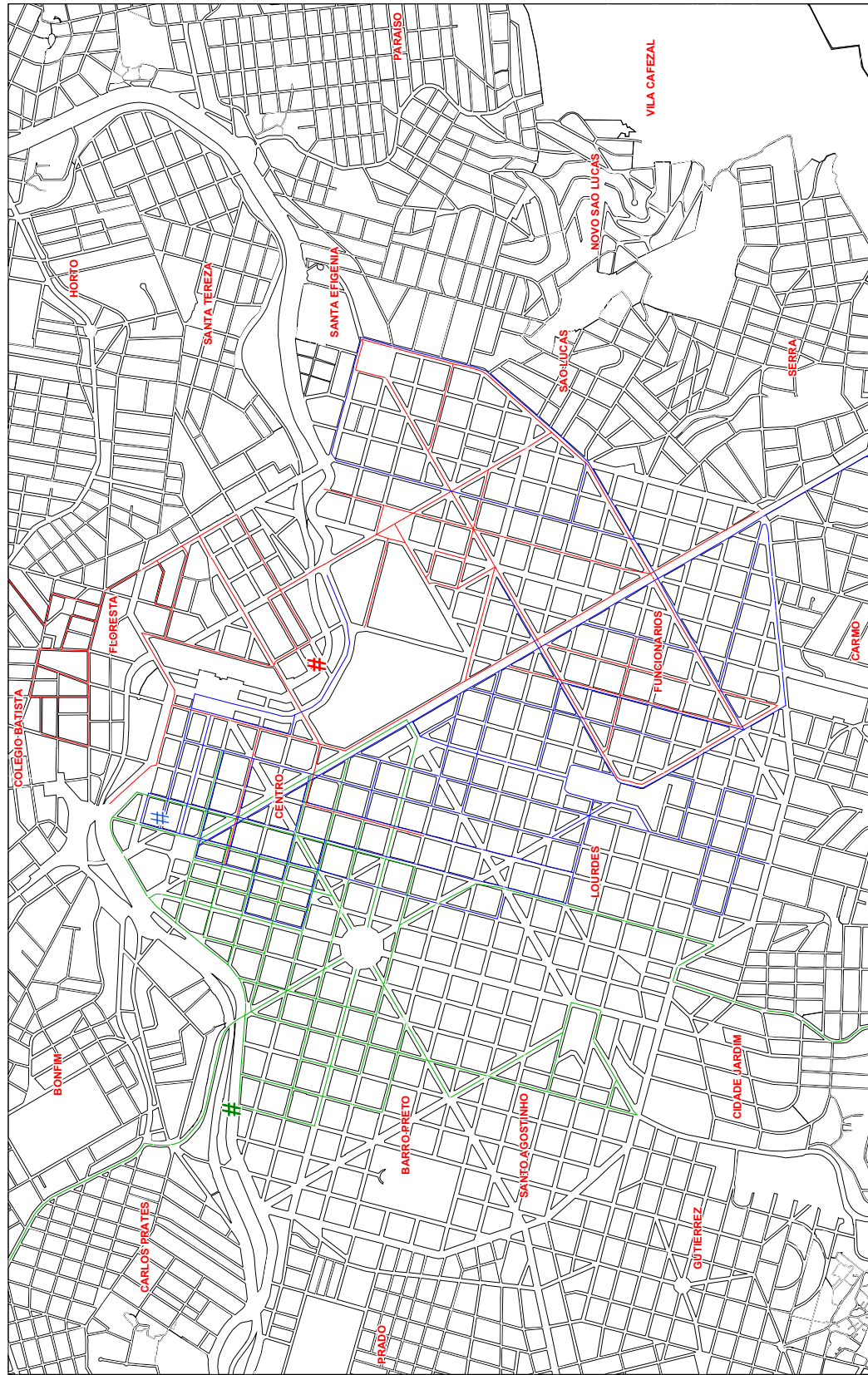
²³ Como observa Souza, “um território expressa relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial” (2000:47).

envolvidos, comprometendo a imagem de profissionalismo que a ASMARE procura estabelecer junto à população. Os catadores parecem resistir bravamente à rotinização do trabalho.

Quanto à rotina de trabalho do **triador** esta é um pouco mais rígida, começando quase que invariavelmente às 9:00 e se estendendo até as 18:00 horas. Cada triador trabalha num box específico para cada tipo de reciclável, separando este material, por tipos, em diferentes caixas. Enquanto o catador não tem um horário específico para o almoço, o triador pára de 12:30 às 13:30 horas. Quando o caminhão da coleta dos LEVs chega ao galpão da Contorno, o triador ajuda a descarregar os “big bags” (grandes sacos nos quais os recicláveis são colocados quando de sua retirada do contêiner), encaminhando-os para o balanceiro que irá anotar o seu peso bruto em planilha adequada. Somente após esse procedimento o material é distribuído entre os boxes de triagem. Após triado, o reciclável é pesado, sendo que o rejeito resultante do processo deverá ser ensacado para posterior recolhimento pelo caminhão de lixo da SLU. As **oficinas** da ASMARE – marcenaria, espaço cultural Reciclo, de costura e a de papel artesanal/encadernação – vêm se constituindo num espaço de capacitação, principalmente, de moradores e ex-moradores de rua. Trinta pessoas do Programa de População de Rua da Secretaria Municipal de Assistência Social²⁴, foram inseridas nas atividades das oficinas no ano de 2000. O acompanhamento da população de rua inserida, é feito, conjuntamente, pelos educadores sociais da Pastoral de Rua e do Programa de População de Rua. O seu horário de funcionamento, com algumas especificidades como o do Reciclo, é de 9:00 às 18:00 horas.

²⁴ Das 81 pessoas inseridas na ASMARE como um todo, em 2000, através do Programa de População de Rua da Prefeitura de Belo Horizonte, mais da metade (49), se desligou pelos seguintes motivos: alcoolismo/drogas (11 pessoas), questões pessoais (8), baixa produção (6), não adaptação ao trabalho (6), obtenção de outro trabalho (5), ingresso temporário na triagem (5), delitos e problemas judiciais (4), baixa remuneração (2) e problemas de saúde mental (2). Fonte: Relatório Anual de Inserção da População de Rua de Belo Horizonte na ASMARE da Secretaria Municipal de Assistência Social. .

ROTEIRO DA COLETA FEITA PELOS CATADORES COM CARRO DE TRACÇÃO HUMANA NA ÁREA CENTRAL DE BELO HORIZONTE



MAPA 1 - ROTEIRO DA COLETA SELETIVA FEITA PELOS CATADORES COM CARRINHO DE TRACÇÃO HUMANA NA ÁREA CENTRAL DE BELO HORIZONTE.

ROTEIRO DOS CATADORES DO GALPÃO DA CONTORNO
 ROTEIRO DOS CATADORES DO GALPÃO CURITIBA
 ROTEIRO DOS CATADORES DO GALPÃO ITAMBÉ

GALPÃO CONTORNO
 # GALPÃO CURITIBA
 # GALPÃO ITAMBÉ

Escala 1:17.000
 Data: Agosto/2001



3.2- Os Significados Atribuídos aos Galpões de Triagem

O horário de funcionamento dos galpões, com seu horário fixo de abertura e fechamento, se opõe, como já mencionado, ao ritmo livre de quando o trabalho era todo feito na rua: é o espaço da fixidez versus o espaço da mobilidade. O associado tem o compromisso de não fazer nenhum serviço de triagem nas ruas, compromisso esse assumido perante a ASMARE e a SLU. Não trabalhar drogado ou alcoolizado, manter a limpeza dos espaços coletivos, participar das reuniões coletivas. Se na rua, os encontros entre os catadores podiam ser fortuitos, nos galpões eles são inevitáveis: há que conviver, há que dividir espaços coletivos... As diferenças nos usos desses espaços emergem, significados diversos lhes são atribuídos. Laços de solidariedade despontam, mas, também, vêm à tona conflitos. Reconhecer o conflito como elemento constituinte dos galpões, não significa tirar-lhes os méritos, mas, simplesmente, reconhecer que eles não têm uma identidade e significado únicos, ou melhor que sua identidade é constantemente criada e refeita de acordo com o engajamento pessoal de cada catador, de acordo com determinadas conjunturas, da forma como os catadores foram aglutinados naquele espaço de trabalho específico, da maior ou menor presença de catadores históricos na composição dos usuários daquele galpão ou mesmo com a maior ou menor presença das assessorias técnicas.

Em geral, os associados gostam e valorizam a existência dos galpões. Alguns resistiram muito e, ainda, resistem ao disciplinamento da atividade que esses espaços implicam, mas reconhecem que houve uma significativa melhoria das condições de trabalho e um aumento da auto-estima e do reconhecimento social. *É claro que mudou muito. O local que nós tá trabalhando, você vê que hoje nós temos galpões. Em vista de outros galpões (depósitos) que têm por aí, ele ganha de 1º lugar²⁵. Ou, prá tomar banho, antes tinha que pagar no mercado ou na rodoviária. Tinha que sair sujo prá rua²⁶. Com isso, mudou inclusive a relação com o próprio corpo, com a higiene:*

antigamente, os associados cheiravam mal nas reuniões. Hoje, isso já mudou. Todos vêm limpos e perfumados. Após os cursos, a Associação

²⁵ Entrevista com Dona Geralda.

²⁶ Diagnóstico Participativo da ASMARE.

*mudou muito, mas antes também o pessoal não tinha tempo, nem condições por causa da própria situação dos catadores de rua*²⁷.

Bachelard, nos lembra que *...todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa* (1988:200). Os espaços de trabalho, para os catadores, são os espaços de recriação da vida: este é o espírito geral que reina na ASMARE. Isso se expressa em afirmações frequentes feitas pelos catadores de que *o galpão é minha casa*. Como observa Sanchis, estamos longe, no caso da ASMARE, *...do esquema friamente racional das relações de assalariamento cuja universalização constitui o horizonte habitual dos estudos sobre o trabalho no Primeiro Mundo. (...) Aqui, não é possível separar rigidamente o espaço do 'trabalho', como lugar da produção, do locus do desenrolar da 'vida' na sua frágil plenitude* (2000:35).

Este clima de “casa” é eivado, no dia-a-dia, de conflitos, de formas diferentes de se relacionar com os espaços de trabalho. Como lembra um catador, *o galpão ...é como se fosse uma comunidade e toda comunidade tem personalidades diferentes, né?*²⁸ São os associados os responsáveis pela manutenção da limpeza dos galpões, participando dos mutirões de limpeza, obedecendo a escala de lavação dos banheiros, varrendo os pátios, ensacando os rejeitos. No entanto, conseguir a participação de todos nem sempre é fácil. Há aqueles que são especialistas em driblar as escalas, tornando o cotidiano de trabalho difícil para todos e, principalmente, para os membros da diretoria e das comissões de trabalho.

Brigas entre os associados acontecem, nos galpões e oficinas, por disputas pessoais, por conflitos gerados a partir da apropriação indevida de áreas coletivas, por abuso de bebida alcoólica. O caso de um catador do galpão da Curitiba suspenso, por 6 meses, da ASMARE por problema crônico de bebida em serviço, é emblemático da complexidade do público integrante da Associação: *se eu sair da ASMARE, eu vou aprontar, vou pegar um revólver e sair atirando por aí. No depósito é difícil, eu não vou dar conta*²⁹. Essa história de vida, que não é única, dá conta da responsabilidade colocada sobre a ASMARE. Este catador só consegue ficar longe da marginalidade por estar na Associação. Dá para se ter uma idéia do desafio enfrentado pela ASMARE. Qual seja, o

²⁷ Diagnóstico Participativo da ASMARE.

²⁸ Entrevista de Luiz Henrique, 21/08/01.

²⁹ Pedrão; reunião da coordenação colegiada (12/08/01)

de se manter num mercado da reciclagem cada vez mais competitivo e, ao mesmo tempo, compatibilizar a permanência daqueles indivíduos que vão ficando “para trás”, que não conseguem acompanhar as exigências de disciplina, produção e eficiência do empreendimento.

As exigências geram tensionamentos, reclamações e impasses. A compatibilização das exigências de produtividade esgarçam o tecido relacional, geram dificuldades, inclusive, de participação nas reuniões coletivas, fórum onde as decisões importantes são tomadas. Assim, ouvem-se reclamações do tipo: *nós somos humanos, não devia ter tanta cobrança na produção ou na época que não tinha ASMARE, a gente era muito mais livre. Aqui, a gente tem que obedecer as normas, que nem firma*³⁰. No entanto, como aponta o Diagnóstico Participativo da ASMARE, os associados conseguem perceber que a Associação conseguiu melhorar porque aumentou sua produção, apesar *disto ter afetado o clima de trabalho, criando mais tensão* (p.25). Um catador afirma que *...a ASMARE, está 85% melhor que há três anos. Melhorou a administração. Antes tinha uma briga por dia. Hoje, já tem advertências e o povo sente que tem que respeitar os outros*³¹.

Segundo um catador do galpão da Itambé, os catadores reclamam, mas *...na realidade eles não querem sair; eles falam que a ASMARE é ruim, mas é aquele ditado, só da boca pra fora, né? No fundo do coração, ninguém quer sair. (...) Porque eles sabem das vantagens, nos depósitos as desvantagens são muitas...*³². O que se observa no cotidiano é que o associado sabe, domina o discurso da participação, mesmo que nem sempre o pratique. O não praticar a participação está associado tanto ao “background” do associado, quanto com as crescentes exigências de aumento da produtividade: *...a gente faz reunião prá discutir e eles falam que não têm tempo e tem que descansar um pouco. (...) É a necessidade, porque o material caiu muito. Se o catador catava 2000 kilos, agora ele tem que catar 3000, 4000 kilos para ele ganhar o que ganhava.*³³ Há também dificuldades quanto à participação que são relacionadas à uma certa visão utilitarista da ASMARE por parte de alguns associados: *...tem muito catador que está aqui agora, dos 356 sócios, que não viu a fundação da ASMARE, então ele acha que a ASMARE é uma*

³⁰ Extraído do Diagnóstico Participativo da ASMARE.

³¹ Extraído do Diagnóstico Participativo da ASMARE.

³² Entrevista com Cláudio, 21/08/01.

³³ Entrevista Dona Geralda de 14/08/01.

*empresa rica, e na verdade, não é. Tudo que ela faz é pra distribuir com nós no final do ano...*³⁴. Um agente técnico, menciona, referindo-se à dificuldade em mobilizar alguns catadores para o desfile de carnaval, que muitos perguntam *...a gente vai receber?* No entanto, o mesmo agente acrescenta, referindo-se à predominância de um *gostar de participar* entre os associados que *às vezes a gente escuta uma Taninha, dizer que tá desiludida com a ASMARE, mas mesmo assim participar com garra no desfile de carnaval*³⁵.

Apesar da existência das comissões de trabalho, *...na opinião de muitos, quem trabalha mais é a comissão central, responsável pela distribuição do trabalho*³⁶. Isto acaba sobrecarregando os membros da Diretoria que se vêm com a dupla tarefa, de combinar as atividades de liderança com o trabalho que lhes assegura a sobrevivência. Um dos coordenadores do galpão da Curitiba fala dessas dificuldades:

*...nós somos catadores, né? Nós temos que dar conta da nossa produção e preocupar com nossos ganhos e preocupar, também, com os ganhos de todos. Essa é uma dificuldade que a gente passa. Outra é a participação de alguns sócios que pode ser mais efetiva, entendendo o que a gente está fazendo, o reconhecimento dessas pessoas é pouco*³⁷.

Não obstante o esforço de integração feito pela Diretoria, observa-se um certo distanciamento de alguns associados em relação ao aspecto coletivo que implica estar a ela vinculado, quando se ouve frases tipo *lá na ASMARE (significando, Diretoria e administração) decidiram isso...*³⁸. O uso dessa expressão da ASMARE como significando não o coletivo de associados mas a Diretoria e a administração é observado com mais força nos galpões da Curitiba e da Itambé.

Como a frase acima aponta, há diferenças em termos do envolvimento dos associados de um galpão para o outro ou mesmo entre áreas diversas dentro de um mesmo galpão. O **galpão da Contorno**, é imbuído de uma significação mítica: é o espaço da resistência, é onde tudo começou, foi onde se deu a ocupação inicial que culminou na

³⁴ Entrevista Dona Geralda, 14/08/01.

³⁵ Entrevista com ator do Grupo teatral Cênica Balaiuô, que realiza um trabalho lúdico-pedagógico na associação. (10/08/01).

³⁶ Diagnóstico Participativo da ASMARE, p.26.

³⁷ Entrevista de Luiz Henrique, 21/08/01.

fundação da ASMARE. Há neste galpão, uma maior concentração de catadores históricos da ASMARE e também uma maior presença dos agentes sociais da Pastoral de Rua no seu cotidiano de trabalho. Um membro da Diretoria, afirma que *...os outros galpões são muito mais complicados. Agora, eu acho que é que deve ser porque a Diretoria se concentra mais é aqui na Contorno. (...) Na Diretoria tem mais gente antiga*³⁹. Os laços de pertencimento neste galpão parecem ser muito mais sólidos que nos outros galpões. Os catadores históricos carregam a história vivida da ASMARE, são portadores da sua memória. Sem memória, não há identidade. Sem identidade, neste contexto, não há cidadania. Uma frase de Dona Geralda, ilustra o poder da memória na constituição da cidadania: *...de onde eu vim, onde eu tô, eu me sinto cidadã*.

Neste galpão, há áreas específicas para as oficinas, para os catadores de tração humana e para a triagem dos LEVs e doações, além de nele estar baseado o setor administrativo da Associação e a equipe social. Da produção total de recicláveis da coleta seletiva⁴⁰, este galpão responde por cerca de 53%, assim discriminados: cerca de 17% provenientes da tração humana, 18% de doações recebidas e 18% dos LEVs⁴¹. Em geral, as discussões mais importantes da ASMARE começam a partir do galpão da Contorno para depois se disseminarem para os outros. Há uma maior participação dos associados ali baseados, tanto nas divisões de tarefas de manutenção da limpeza, quanto no envolvimento nas reuniões e demonstrações públicas da ASMARE. No entanto, observa-se uma maior dificuldade de participação, neste galpão, dos associados envolvidos com o trabalho de triagem: o horário de trabalho dos triadores parece permitir uma menor flexibilidade.

O **galpão da Curitiba**, implantado em 25 de junho de 1994, abriga apenas os associados que trabalham na coleta por tração humana (cerca de 70), que ali realizam a triagem e comercialização do material coletado, respondendo por cerca de 43% da produção total de recicláveis. É o galpão que dá a maior contribuição em termos de participação percentual na produção total da coleta seletiva por tração humana. Este galpão, tem na sua composição uma verdadeira miscelânea de catadores oriundos de diversos pontos críticos de triagem na rua, que tinham pouca relação entre si (afora o

³⁸ Entrevista com ator do grupo teatral Cênica Balaiúô, 10/08/01.

³⁹ Entrevista com Dona Geralda, 14/08/01.

⁴⁰ Produção mensal de cerca de 500 toneladas. Fonte: SLU/ASMARE.

⁴¹ Fonte: Relatório de Estatística GECOL/SLU, setembro/2001.

caráter, muitas vezes, fortuito dos encontros propiciados pelo viver na rua) e que não eram vinculados à ASMARE: *...aqui também possui o maior número de pessoas que são totalmente diferentes, a nível de cultura. São pessoas difíceis*⁴².

Apesar deste galpão significar uma conquista da luta dos catadores da ASMARE, a sua implantação é um caso ilustrativo das dificuldades geradas pelas diferenças entre o tempo político de uma administração pública (a necessidade de se mostrar resultados) e o tempo pedagógico dos sujeitos sociais. Apesar de todo o processo de abordagens de rua e discussões estabelecidas com os catadores feita pelas equipes da SLU e Pastoral na fase inicial da parceria (durante aproximadamente um ano antecedendo a implantação do galpão), na avaliação da Pastoral de Rua *...não foi permitido, até por uma questão do tempo político, o tempo necessário aos catadores para entender o significado daquela mudança. Na verdade, nós criamos um campo de concentração, que foi extremamente problemático*⁴³. A administração precisava, principalmente no início da primeira gestão petista, mostrar à cidade a sua capacidade de administrar os problemas: a questão da triagem nas vias públicas era crítico, com sérios transtornos à manutenção da limpeza urbana. As reclamações da população da presença de catadores na rua eram muitas⁴⁴, assim, a implantação do galpão da Curitiba era uma prioridade em termos da limpeza urbana.

Observa-se que a questão da menor identidade entre os usuários condicionou enormemente, pelo menos nos seus anos iniciais, a dinâmica participativa neste galpão. O tecido relacional estabelecido neste galpão, mais do que em nenhum outro foi caracterizado, inicialmente, por uma ambiguidade: de um lado relações de afeto e solidariedade e, do outro, hostilidades e brigas (roubos de pertences pessoais, disputas por espaços nos boxes, ciúmes, agressões físicas, não cooperação nas tarefas coletivas, tentativas de lesar a associação como, por exemplo, a colocação de objetos pesados entre os recicláveis para que o fardo pese mais). Situações que reproduzem o clima de incerteza e desconfiança prevalescente nas ruas. Não que isso não ocorresse nos outros galpões, mas nesse a sua intensidade era maior. O sentimento mais generalizado, entre

⁴² Entrevista de Luiz Henrique, 21/08/01.

⁴³ Entrevista com membro da Pastoral de Rua, 10/07/01.

⁴⁴ Somente em junho de 1994, a equipe da SLU respondeu a 36 reclamações escritas e 70 por telefone. Fonte: Relatório Parcial – Pesquisa Catadores de Material Reciclável – INAPP, arquivo CEMP/SLU.

os usuários desse espaço, era o de lhe ser alheio, um sentimento quase de ser um estrangeiro dentro dele.

Mas, no entanto, o cotidiano é capaz de atribuir, pouco a pouco, novos significados aos espaços habitados e novas sociabilidades são construídas. Aqui, a contribuição de Rocha e Oliveira traz pontos significativos para se pensar o tecido relacional nos galpões quando nos fala da sociabilidade enquanto uma

*...experiência de ação e/ou representação social que envolve direta ou indiretamente outros indivíduos, de forma consciente ou inconsciente, e cuja característica principal é a **ritualização** do cotidiano (grifo no original), isto é a reatualização da vida social no cotidiano, seja como processo de construção de novas identidades, seja como processo simbólico de construção de um novo território (real ou imaginário) no plano da vida urbana (1997:61).*

Observa-se, hoje, que os catadores deste galpão já assimilaram mais a lógica da participação, já que as brigas entre eles e mesmo a resistência frente às tarefas coletivas reduziram-se dramaticamente. Isso vem contribuindo para o fortalecimento de laços de cooperação e para a formação de uma maior identificação com o coletivo de associados da ASMARE. Uma série de fatores vem contribuindo para isso: a alocação estratégica de catadores históricos neste galpão, um acompanhamento cotidiano nos primeiros anos da equipe social da Pastoral de Rua e da SLU, o repasse gradual do gerenciamento para os próprios catadores, a rotinização das assembleias mensais do galpão e o próprio amadurecimento dos catadores que ali foram absorvidos, em relação à prática coletiva.

O **galpão da Itambé**, inaugurado em 1996 e desativado em novembro de 2001, foi inaugurado para atender um grupo de catadores (cerca de 15 à época) que triavam material na chamada área do Perrela, um antigo ponto crítico de triagem na rua, objeto de inúmeras reclamações por parte da população da região devido à sujeira do local. Neste galpão funcionava, também, somente a coleta por tração humana respondendo por cerca de 4% da produção de recicláveis. O catador que é um dos coordenadores do galpão, reporta a diferença desse galpão em relação aos outros: *...aqui é sempre mais trabalho, eles não ligam assim muito pra festa. O negócio deles é trabalho e o catador não pode só trabalhar. Tem que participar das coisas, tem que saber o que está*

*acontecendo. O povo só pensa em trabalho*⁴⁵. Apesar da incidência de brigas sempre ter sido menor, o associado deste galpão participa menos dos momentos celebratórios e de luta da Associação, é o que menos incorpora a noção de pertencimento a uma coletividade. Algumas características que diferenciam esse galpão dos outros poderiam ser arroladas: uma composição, quase que exclusiva de catadores desvinculados da memória de constituição da ASMARE, uma menor presença da equipe social da Pastoral no cotidiano, atitude centralizadora e pouco motivadora do coordenador do galpão e grande inadequação do espaço físico e a ausência de catadores históricos. Após a sua desativação, os catadores deste galpão foram incorporados nas áreas de tração humana dos galpões da Curitiba e da Contorno.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que a relação dos catadores foi marcada inicialmente, variando de intensidade de um espaço de trabalho para o outro, por uma atitude utilitarista, como reporta um agente da Pastoral de Rua referindo-se à postura prevalescente entre os catadores : *...olha, nós vamos abrir mão do espaço da rua e, para isso, vamos querer toda a assistência dentro dos espaços que estão sendo concedidos para nós*⁴⁶. À medida que essa atitude ficou evidenciada, a conduta metodológica das assessorias foi redirecionada, com um afastamento gradual do cotidiano do gerenciamento dos espaços de trabalho. A equipe social da Pastoral, por exemplo, passou a concentrar mais a sua ação nas abordagens de rua a novos catadores e menos na resolução dos problemas cotidianos, propiciando, assim, que o catador assumisse mais a coordenação dos espaços. Nos galpões da Curitiba e da Itambé, a SLU que mantinha, inicialmente, funcionários operacionais que co-gerenciavam o espaço junto com os catadores, foi restringindo, paulatinamente, a sua presença a momentos específicos como assembléias ou a resolução de situações–limite. Esse redirecionamento da atuação das assessorias, possibilitou aos catadores assumirem mais a responsabilidade pelos destinos da Associação. Hoje, por exemplo, a coordenação do setor operacional da ASMARE é toda feita pelos catadores e, apesar de várias dificuldades, os mesmos vêm acompanhando mais o setor administrativo.

Como se vê, o cotidiano de trabalho e de vida da ASMARE é cravado de riquezas e, ao mesmo tempo, de contradições difíceis de serem equacionadas, com duas exigências,

⁴⁵ Entrevista do catador Cláudio, 21/08/01.

⁴⁶ Entrevista Cido, 10/07/01.

igualmente importantes, para se assegurar a consolidação da ASMARE coexistindo simultaneamente: alto grau de produtividade e eficiência e a manutenção de um alto nível de participação interna, exigências estas, que às vezes parecem se chocar. Como retrata uma catadora: *...quando falta material e o preço tá baixo, a pessoa fica desanimada até de participar de uma reunião, participar da aula, porque não se ganha o dinheiro da semana, o alimento da casa, a pessoa desanima mesmo e passa até a não acreditar mais porquê é difícil*⁴⁷.

4- CONCLUSÕES

Esperamos ter mostrado ao longo deste artigo os impactos da política pública da coleta seletiva da SLU sobre o mundo do trabalho e na vida do catador da ASMARE. O aluguel de galpões de triagem pela SLU, permitiu à ASMARE estender a sua área de atuação, à medida que possibilitou à mesma oferecer espaços de trabalho para um maior número de catadores. O catador que antes dormia na rua e era caracterizado como morador de rua passa, assim, a ser caracterizado como “trabalhador na rua”, dinamizando-se desta forma o processo de reconhecimento do catador enquanto profissional da coleta seletiva, processo este iniciado a partir da organização da ASMARE. Isto contribuiu para o fortalecimento da entidade representativa dos catadores.

A parceria com o poder público, também, permitiu à ASMARE (através do repasse de recursos financeiros mensais) oferecer aos seus membros incentivos como vales-transporte, uniformes, entre outros, que tiveram impacto significativo na melhoria da qualidade de trabalho e de vida dos seus associados.

A implantação dos containeres para a reciclagem (LEVs) permitiu o surgimento de um sub-grupo entre os associados – os triadores – responsáveis pela triagem fina do material advindo da coleta mecanizada. A maioria dos integrantes deste sub-grupo, como vimos, vêm do Programa de População de Rua da administração municipal. Desta forma, os benefícios dessa política pública puderam ser estendidos para além da comunidade tradicional dos catadores de papel, ao incorporar a população de rua.

⁴⁷ Entrevista Dona Geralda, 14/08/01.

Vimos as dificuldades dos catadores de papel em relação à adoção do universo de regras e deveres da ASMARE e dos seus espaços de trabalho, mas vimos também como a linguagem e a prática da participação, do compartilhamento, da resolução de conflitos através da troca de idéias vem paulatinamente criando novas sociabilidades entre os catadores, possibilitando o exercício de uma prática cidadã.

O que se observa é que historicamente a rua, espaço tradicionalmente ocupado pelos catadores da ASMARE para a realização da triagem de recicláveis, era o locus do conflito dos mesmos com o poder público. A partir da parceria com a administração municipal que viabilizou a infra-estrutura de triagem aos catadores, a rua passa a assumir um novo significado: o de eixo estruturador a partir do qual a parceria com o poder público se dá com esses “trabalhadores na rua”.

É importante ressaltar que o Projeto de Coleta Seletiva tendo como parceiro o catador de papel, representa um significativo avanço em termos de uma política pública de resíduos sólidos voltada para a construção da cidadania, à medida que reconhece o direito ao trabalho dos catadores. Como nos diz Marshall (1967), em seu clássico trabalho sobre a constituição da cidadania na sociedade inglesa, o direito ao trabalho é um direito civil básico. Por outro lado, a participação cidadina dos catadores no âmbito do projeto representou a possibilidade de constituição de uma nova cultura institucional na SLU, em particular, e na administração pública municipal como um todo, representando o engajamento da sociedade civil na formatação de políticas públicas e no controle da ação governamental.

De uma forma mais geral a contribuição da presença da ASMARE no cenário urbano, foi a problematização do estigma de mendigo imputado ao catador de papel e ao morador de rua, trazendo à cena pública um sujeito também portador de possibilidades e não somente de mazelas e debilidades. Finalmente, vale ressaltar que se o cotidiano de trabalho dos catadores da ASMARE é permeado de conflitos e paradoxos, o mesmo também o é em termos de possibilidades. Está-se aqui no campo de um “projeto em construção” com todas as imponderáveis que a realidade dinâmica coloca tanto aos gestores públicos, quanto à sociedade civil no processo de construção de um espaço verdadeiramente público.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. A poética do espaço. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BURSZTYN, M. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In: BURSZTYN, M. (org.). *No meio da rua –nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

DIAS, S. M. *Construindo a cidadania: avanços e limites do Projeto de Coleta Seletiva em Parceria com a ASMARE*. Belo Horizonte: Departamento de Geografia da UFMG, 2002. (Dissertação de mestrado).

ESCOREL, S. *Vidas ao Léu – Trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

_____. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: *No meio da rua –nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond.

FRUGOLI Jr., H. *São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

OLIVEIRA, M. V. *A população de rua e suas relações de trabalho: os catadores de papel em Belo Horizonte 1988-1989*. Belo Horizonte: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, 1998. 120p. (Monografia).

RAGO, M. L. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. 2nd. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ROCHA, G. & OLIVEIRA, S. S. Cidade à Deriva. In: *Cadernos de ciência sociais*. Belo Horizonte, v.5, n.8, p. 35-65, dez., 1997.

SANCHIS, P. Os catadores de papel no mundo do trabalho. In: MUÑOZ, J. V. (org.). *O catador de papel e o mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: Nova, 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DO BEM-ESTAR SOCIAL (SEBES/SP). *População de Rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec, 1992.

SNOW, D.& ANDERSON, L. *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, M. L. Orçamentos participativos e sua espacialidade – uma agenda de pesquisa. *Terra Livre*. São Paulo, Nº 15, p.39-58, 2000.